

*Eric Hobsbawm, Tempos Interessantes: Uma Vida no Século XX*, Porto, Campo das Letras, 2005.

Com 88 anos, Eric Hobsbawm é hoje o mais conhecido historiador mundial. Entre outros livros, escreveu quatro obras importantes sobre um longo período da história europeia (1789 a 1991), preocupando-se em dar-nos explicações acessíveis numa prosa capaz de extravasar os muros da universidade. Nunca sentiu a necessidade de se especializar. Foi capaz de nos dar uma visão da história da Europa, e das suas ramificações universais, abordando, com aparente facilidade, temas económicos, sociais, políticos e culturais. Daí que a sua obra tenha sido traduzida como nenhuma outra. Até os portugueses dispõem, em edições da Presença (nem sempre bem traduzidas), de *A Era das Revoluções* (a sua obra-prima), *A Era do Capital*, *A Era do Império* e *A Era dos Extremos*.

Eis que em 2002 saiu em Inglaterra a sua autobiografia, *Interesting Times: A Twentieth-Century Life*, dada agora a lume em Portugal pela editorial Campo das Letras, numa excelente tradução de Miguel Serras Pereira. Estas memórias merecem ser lidas tanto pelo que o autor diz sobre os ambientes em que viveu como sobre si próprio. Logo no início alerta para o facto de a obra se afastar das memórias clássicas: «Acrescente-se que este livro não foi escrito no registo confessional, hoje tão vendável, o que em parte acontece porque a úni-

ca justificação para uma tal viagem ególatra é o génio — e eu não sou nem um Santo Agostinho nem um Rousseau — e em parte porque ninguém que escreve a sua autobiografia poderá revelar a verdade privada acerca de assuntos relacionados com outras pessoas vivas sem ferir injustificadamente os sentimentos de algumas delas [...] O que procuro é a compreensão histórica, e não o acordo, a aprovação ou a simpatia do público.» Aqui reside uma das ambiguidades da obra. O autor quis escrever uma autobiografia sem estar no centro do livro, o que faz com que fique a meio caminho entre o género memorialista e o relato histórico. Adoptando a posição de «participante-observador», Hobsbawm surge como uma espécie de antropólogo do século XX, olhando, supostamente de fora, coisas que viveu por dentro.

Já o fizera em anteriores livros e, na minha opinião, até com mais sucesso. Veja-se a brilhante «Abertura» de *A Idade do Império*, sobre os anos 1875-1914, quando nos fala das suas origens familiares. O facto de ter optado agora por nos falar apenas do homem público é um desapontamento porque o homem particular seria certamente tão ou mais interessante do que aquele. Poder-se-ia pensar, e o autor parece indicá-lo, que o fez por modéstia, mas, como veremos, o autor é tudo menos modesto.

Isto não é uma reserva radical. O livro lê-se de um fôlego, é interessante e tem capítulos bons. Veja-se, por exemplo, a evocação, que faz no capítulo IV, da cidade de Berlim du-

rante os últimos meses da República de Weimar. Sem a dura experiência por que então passou, provavelmente, não teria optado, como refere, pelo caminho que escolheu. Eric Hobsbawm decidiu, muito jovem ainda, ser comunista. E assim quer morrer. Não existem factos que o demovam nem argumentos que o abatam. Mesmo reconhecendo os crimes do estalinismo, prefere este regime ao capitalismo. Não hesita em escrever: «Dou-me hoje conta de que continuo a tratar a memória e a tradição da URSS com uma indulgência e uma ternura que não sinto pela China comunista, porque pertenço a uma geração para a qual a revolução de Outubro representava a esperança do mundo, coisa que a China nunca significou.»

Hobsbawm escreveu estas memórias para tentar responder à pergunta feita em todas as entrevistas que concedeu em tempos recentes: como era possível que um homem inteligente, culto e razoável pudesse continuar a declarar-se, como ele se declarava, comunista? Eis a resposta: «Escrever uma autobiografia supõe que reflectamos a nosso propósito como nunca antes o fizemos. No meu caso, isso consiste em limpar três quartos de século dos seus depósitos geológicos e em recuperar, ou descobrir e reconstruir, um estranho aí sepultado. Quanto mais recuo no passado e me esforço por compreender esse rapaz desconhecido e longínquo, mais chego à conclusão de que, se ele tivesse vivido noutras circunstâncias históricas, ninguém lhe teria

adivinhado um futuro de compromisso político apaixonado, embora quase toda a gente pudesse ter-lhe profetizado um futuro de intelectual.» Infelizmente, a explicação que fornece ao leitor para a sua opção partidária não é convincente, ou antes, é-o pelas piores razões. Leia-se o que afirma no capítulo 12, intitulado «Estaline e os pós-estalinismo», onde explicitamente diz que continuou a ser comunista a fim de provar ao *establishment* que fora capaz de construir uma carreira académica apesar da sua filiação partidária. Ora isto é uma mistificação.

Ninguém nega que, desde o início, a universidade foi atravessada por lutas feudais e que, durante a guerra fria, alguns intelectuais de esquerda foram afectados, por motivos ideológicos, nas suas carreiras. Mas actualmente nada disso é verdade, nem o é desde os finais da década de 1960. Não é pacífico, como Hobsbawm pretende fazer crer, que um intelectual de esquerda tenha menos oportunidades do que um de direita. É possível que nos anos 1950 lhe tivesse sido difícil ou até impossível obter uma cátedra numa das universidades da Ivy League. Mas, como ele sabe, o clima intelectual mudou. A vitimização fica-lhe mal. Na América Latina, na Europa e até nos EUA, Hobsbawm é um historiador popularíssimo, como o próprio constatará, se olhar com atenção para a contabilidade relativa aos seus direitos de autor.

Mesmo depois da invasão da Hungria, quanto muitos dos seus amigos deixaram o partido, Eric

Hobsbawm decidiu ficar não só porque, como afirma, detesta a companhia dos intelectuais ex-comunistas, mas por um grau de orgulho quase impensável. Eis, nas suas palavras, a explicação: «Desembaraçar-me do *handicap* da pertença ao partido poderia ter melhorado as minhas possibilidades no plano profissional, sobretudo nos Estados Unidos. E ter-me-ia sido mais fácil fazê-lo sem alarde. Mas consegui provar a mim próprio que era capaz de ser bem sucedido [...] sem deixar de ser reconhecidamente comunista e vencendo esse *handicap* em plena guerra fria.» No fundo, a sua ligação ao comunismo está mais relacionada com a teimosia serôdia do que com o marxismo. Apesar de não ter modificado a minha opinião quanto aos seus méritos como historiador, após ter lido este livro fiquei com menos respeito pelo homem.

MARIA FILOMENA MÓNICA

*Thomas Geisen, Anthony Andrew Hickey, Allen Karcher* (eds.), **Migration, Mobility, and Borders. Issues of Theory and Policy**, IKO-Verlag für Interkulturelle Kommunikation, Frankfurt am Main/Londres, 2004, 186 páginas.

Com contributos da Austrália, dos Estados Unidos e da Europa, os

oito ensaios que integram o volume *Migration, Mobility, and Borders* (*Migração, Mobilidade e Fronteiras*) constituem uma tentativa de abordar os temas epónimos num contexto global. No que concerne às «fronteiras», na «Introdução», os editores apontam o facto de que tais fronteiras não são meras linhas de demarcação num mapa: possuem significado social, cultural e político relativamente àquilo que definem, incluem e excluem. Do mesmo modo, as entidades que as fronteiras definem — Estados, províncias ou comunidades — possuem também vida própria. Como tal, os movimentos transfronteiriços encerram um significado que transcende a simples passagem física de uma fronteira e a vida dentro das fronteiras está dependente das diversas divisões internas.

Partindo deste ponto, os restantes ensaios identificam outras tensões que marcam a teorização da migração: o modo como divisões internamente construídas como classe, género ou raça se tornam fronteiras em si mesmas, com ou sem diferenciações espaciais; contudo, não obstante a importância destes fenómenos e de outros desenvolvimentos, como a globalização e a existência de entidades metanacionais, como a União Europeia, os editores defendem também que as fronteiras não devem ser ignoradas, sejam elas antigas fronteiras nacionais ou fronteiras redesenhadas por formações étnicas.